



INTERCÂMBIO

Espiritualidade e religiosidade em pessoas com lesão medular

Spirituality and religiosity among persons with spinal cord injury

*Katia Vanessa Pinto de Meneses**

*Thiago Aquino***

Resumo: Vivências religiosas e espirituais apresentam correlação significativamente positiva sobre o processo de saúde-doença e desempenham um importante papel no enfrentamento e na adaptação a condições crônicas. O objetivo do presente trabalho foi compreender o sentido da espiritualidade e da religiosidade para pessoas com lesão medular. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo a partir de nove narrativas autobiográficas de pessoas com sequelas de lesão medular. Foram identificadas seis categorias: práticas religiosas, espiritualidade, gratidão, transmissão de valores religiosos, percepção de sentido e sonhos religiosos. Concluiu-se que a espiritualidade e a religiosidade se manifestaram como estratégias de enfrentamento da lesão medular e como orientação para o encontro de sentido.

Palavras chave: Espiritualidade. Religiosidade. Lesão medular. Logoterapia.

Abstract: Religious and spiritual experiences have a significantly positive correlation with the health-disease process and play an important role in coping with and adapting to chronic conditions. The aim of this study was to understand the meaning of spirituality and religiosity for people with spinal cord injuries. For that, a qualitative study based on nine autobiographical narratives of people with spinal cord injury sequelae was conducted. Six categories were identified: religious practices, spirituality, gratitude, transmission of religious values, perception of meaning and religious dreams. It was concluded that spirituality and religiosity manifested themselves as strategies for coping with spinal cord injury and as guidance for finding meaning.

Keywords: Spirituality. Religiosity. Spinal cord injury. Logotherapy.

Introdução

O reconhecimento do ser humano como um ser com dimensão espiritual ou noológica, além das dimensões biológica e psicológica, tem orientado novos caminhos e a construção de novas práticas de cuidados em saúde. De acordo com Frankl (2017), o ser humano compreende uma unidade na totalidade, que inclui a dimensão corporal, psíquica e noológica/espiritual, e é nessa totalidade tríplice e indivisível que se reflete o autêntico e essencial da pessoa. A dimensão corporal ou física é dada pela hereditariedade

* Doutora em Engenharia Mecânica (UFMG, Belo Horizonte-MG). ORCID: 0000-0001-9396-0665 – contato: katiavpmeneses@gmail.com

** Professor Associado do PPG em Ciências das Religiões da UFPB (João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0002-3903-8378 – contato: thiagoaquino19.ta@gmail.com

e produz fenômenos somáticos; a psíquica é dirigida pela educação e produz fenômenos psíquicos; a noológica/espiritual, contudo, não pode ser educada e é responsável pelas diferenças específicas e essenciais do ser humano (Xausa, 1986).

Para Frankl (2011), a dimensão noológica não se refere apenas a uma dimensão religiosa ou supranatural, mas valorativa, criativa e artística, para além de impulsos e instintos. Nela se encontram as decisões pessoais da vontade, a intencionalidade, o interesse, a religiosidade, o senso ético e a compreensão de valor (Lima Neto, 2013). É por meio desta dimensão que o indivíduo experimenta, expressa ou busca sentidos na vida e perscruta acerca do sentido último da existência, encontrando recursos importantes para o enfrentamento de doenças graves, situações ou problemas complexos, considerados de difícil solução (Fonseca, Ferrer, 2019). Em termos de saúde é a dimensão mais saudável, independente do estado físico ou psíquico. Dessa forma, possibilita compreender o ser para além dos seus condicionamentos, transtornos e limitações, o que permitiria à pessoa se posicionar como um ente verdadeiramente livre e responsável (Frankl, 2017). Apesar de ser uma dimensão constitutiva do ser humano, é considerada facultativa e latente, podendo ou não ser acessada pelo indivíduo a depender tanto da escolha pessoal, quanto das condições do psicofísico (Frankl, 2019).

Os termos espiritualidade, religiosidade e religião, apesar de algumas vezes serem descritos conjuntamente na literatura, são conceitos distintos. Espiritualidade se refere à relação ao sagrado e transcendente e se manifesta pelo deslocamento, silêncio e diálogo interior; religiosidade é a espiritualidade relacionada à concepção de divino e tem relação com o quanto a pessoa acredita, segue e pratica uma religião (frequentar templos religiosos, rezar, ler livros, assistir programas religiosos na televisão); religião é o sistema representacional de crenças, práticas, símbolos e dogmas pelos quais uma pessoa pode conduzir sua vida (Safra, 2005).

Frankl (2017), por sua vez, reconhece uma espiritualidade, uma ética e uma crença inconsciente, no sentido de uma religiosidade reprimida, uma tendência inconsciente para Deus, uma fé original, um inconsciente transcendental. Esta espiritualidade se encontra em estado latente, inclusive em pessoas irreligiosas, e pode se manifestar por meio de sonhos (Frankl, 2017).

Além da espiritualidade inconsciente, o ser humano também apresenta uma religiosidade inconsciente. A religiosidade inconsciente se refere a um relacionamento, oculto à consciência, com o transcendente, mas que não se dá, necessariamente, como uma fé em Deus, e sim como uma fé mais abrangente, num sentido último ou suprasentido. Esse sentido último excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano (Frankl, 2017).

Segundo o mesmo autor, a religiosidade apresenta, por consequência adicional, efeitos psico-higiênicos e psicoterapêuticos, na medida em que a vivência religiosa proporciona uma sensação de proteção e ancoramento no Transcendente. Ademais, esta busca pelo infinito pode ser definida como a realização de uma vontade de sentido último (Frankl, 2017). Entretanto, para Frankl (2017), nos dias atuais, existe uma repressão do sentimento religioso natural por parte da razão absoluta ou da inteligência tecnicista. Esta repressão pode transformar algo consciente em inconsciente e, ao cessar a repressão, algo inconsciente pode voltar a tornar-se consciente (*Bewusstsein*).

A consciência humana (*Gewissen*) é compreendida por Frankl (2017) como um órgão do sentido que tem a capacidade intuitiva de apontar para os sentidos latentes na vida. Desta forma, sua função é alertar para o dever ser pessoal e intransferível, que inclui a percepção dos valores que emanam das situações únicas e irrepetíveis. Apesar dos apelos da consciência, o ser humano é livre para obedecê-la ou não. Nessa perspectiva, a consciência orienta e desvela a descoberta do sentido situacional e pessoal, cabendo ao ser humano escolher de forma livre e responsável perante a própria consciência. Frankl (2017) compreende a voz da consciência como um fenômeno que transcende a condição humana, como um vínculo transcendente. Assim, o autor define Deus:

Deus é o parceiro dos nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos, independente de nos considerarmos ateístas ou crentes em Deus. A diferença somente se manifesta quando um lado insiste em considerar as conversas consigo próprio como nada mais do que simples solilóquios, enquanto que o outro lado acredita que, consciente ou inconscientemente, a pessoa tem um diálogo com alguém distinto de seu próprio eu (Frankl, 2017, p.113).

Dessa forma, para o autor em foco, a voz da consciência é um erro linguístico na perspectiva da pessoa religiosa, tendo em vista que essa seria o eco do transcendente. Já a pessoa não religiosa compreenderia essa mesma voz como algo imanente (Frankl, 2017). De uma forma ou de outra, a religiosidade “só é genuína quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela” (Frankl, 2017, p. 69).

A voz da consciência pode ser reprimida e sufocada, levando à falta de conscientização de si mesmo. Pode ser manifestada por atitudes conformistas ou totalitaristas, a depender se os valores excessivamente generalizados pela sociedade são simplesmente oferecidos ou impostos, pois somente uma consciência desperta é capaz de tornar o ser humano genuinamente autêntico, singular e insubstituível (Frankl, 2017).

A pessoa, inevitavelmente, vivencia contradições, lutas e limites da própria existência. Situações como a morte, o sofrimento e a culpa são condições que fazem o ser humano buscar o sentido último, que nem sempre é passível de uma compreensão racional. Esse “insucesso aponta para a fé, que é subtrair-se do mundo e pôr-se em contato com o ser que está além dele” (Xausa, 1986, p.79), de forma a confiar em um sentido, apesar das situações imutáveis que a vida lhe apresenta.

Na perspectiva da busca de sentido em condições de sofrimento físico e existencial, encontra-se a pessoa que padece de uma lesão medular. A lesão medular traumática é uma dessas situações imutáveis onde a pessoa se depara, de forma repentina, com os limites impostos pela nova condição, que impacta significativamente em sua vida. Além das sequelas físicas permanentes, a lesão impacta na identidade pessoal, ocupacional e social, tendo em vista que o indivíduo se identifica com aquilo que realiza (Fechio et al., 2009). Na tentativa de compreender esta nova condição, é comum surgirem questionamentos como Por que eu? ou Existe sentido em tudo isso? No entanto, o mesmo ser que pergunta deve responder a esses questionamentos. Essas indagações demonstram o anseio do ser humano em tentar compreender os mistérios da vida e, neste contexto, a fé em um *logos* oculto emerge como uma exigência da incompreensibilidade (Xausa, 1986).

Ademais, estudos demonstram que vivências religiosas e espirituais apresentam correlação significativamente positiva sobre o processo de saúde-doença (Thiengo et

al., 2019; Shamshiri et al., 2021) e desempenham um importante papel no enfrentamento e na adaptação a condições crônicas (Shamshiri et al., 2021). Tendo em vista as considerações supracitadas, este estudo teve o objetivo de compreender o sentido da espiritualidade e da religiosidade para pessoas com lesão medular.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, a partir de doze narrativas autobiográficas de pessoas com sequelas de lesão medular. A busca pela amostra foi realizada por meio das redes sociais (Instagram e Facebook), além de grupos e associações de apoio às pessoas com lesão medular. Foi utilizada a técnica de amostragem conhecida como Bola de Neve, na qual a amostra não probabilística é formada por participantes iniciais de um estudo, que indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente (Wha, 1994 apud Baldin, Munhoz, 2011), até que seja alcançado o número desejado de participantes ou quando se atingir uma estabilidade, ou seja, quando poucos novos contatos são acrescentados. O uso desta técnica se justificou por se tratar de uma população rara, em situação de vulnerabilidade.

Os participantes do estudo foram convidados a realizar sua autobiografia, baseada na metodologia de Lukas (1998), que considera três perspectivas: a visão retrospectiva (passado), o mundo presente e a visão prospectiva (futuro), a partir dos seguintes pontos de reflexão: pais, período pré-escolar, período escolar, formação profissional, idade adulta, futuro próximo, futuro distante, morte e legado. Embora Lukas (1998) prescreva a formulação da autobiografia de forma escrita, a opção pelo formato de narrativa oral foi escolhida devido às dificuldades motoras frequentemente apresentadas pela população desse estudo. As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e abril de 2022 por meio da plataforma Teams, considerando a vulnerabilidade da amostra e o risco no momento de pandemia do Covid-19.

As entrevistas foram gravadas e a transcrição textual foi realizada pelo pesquisador de forma fidedigna aos relatos narrados em primeira pessoa, formatados em duas colunas: no lado esquerdo foram descritos os fatos cronológicos e as experiências selecionadas, enquanto no lado direito foram descritas as reflexões, posturas, pensamentos e sentimentos relacionados aos acontecimentos da vida.

O critério de inclusão para esta análise foi a presença de discurso espiritual e/ou religioso nas autobiografias e o critério de exclusão baseou-se na ausência de discurso espiritual e/ou religioso. Foi utilizada a abreviação de narrativa (N), seguida do número da ordem de participação na pesquisa (N1, N2, N3, N4, N5, N6, N7, N8 e N9).

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado: *Motivação para superação e busca de sentido de vida em pessoas com lesão medular e impacto da pandemia de Covid-19*, protocolado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília – UnB (CAAE: 51975721.0.0000.8093), seguindo todas as exigências éticas em pesquisa com seres humanos. Os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos do estudo e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Autorização de Uso

de Imagem e Som de Voz e a autorização para o uso dos dados para a pesquisa e tal procedimento foi gravado.

Após a transcrição das entrevistas, foi utilizado o enfoque da análise de conteúdo de Bardin (2011), tendo como referência a presença de manifestações espirituais e/ou religiosas. Inicialmente, foi realizada uma pré-análise do *corpus* por meio de uma leitura flutuante, exploração e organização do material. Em seguida, os dados foram codificados e agregados em categorias, classificados de acordo com os dados emergentes, analisados e interpretados.

Resultados e discussão

Foram coletadas doze narrativas, nove delas cumprindo os critérios de inclusão e, portanto, analisadas. Dada a amplitude de aspectos apresentados, optou-se por uma análise mais pontual e específica, de forma a compreender o sentido da espiritualidade e da religiosidade na perspectiva daquele que a vivenciou. Os resultados foram agregados em seis categorias: práticas religiosas, espiritualidade, gratidão, transmissão de valores religiosos, percepção de sentido e sonhos religiosos.

Práticas religiosas: foram identificadas como práticas religiosas a participação em cultos e eventos religiosos, a leitura de livros, programas de TV e orações, como observado na narrativa que segue:

Hoje eu paro para rir, viver, buscar o que é bom para o coração e para a alma. Sou muito religiosa, católica. Gosto de ler coisas católicas. Faço direção espiritual e tenho coisas para ler todos os dias. É uma coisa que gosto muito (N4, entrevista pessoal, 2022).

De acordo com Monteiro et al. (2020), as práticas religiosas ajudam no enfrentamento de situações estressantes e na busca de significado para momentos difíceis. A religião pode oferecer uma fonte de significado diante da incerteza, da tragédia e da perda, além de oferecer às pessoas um sentimento de pertencimento, conexão e identidade. Neste sentido, o uso de símbolos como livros religiosos, ritos, objetos e orações se apresentam como auxiliares. Para Frankl (2019, p. 345), “o símbolo, a metáfora simbólica torna de alguma maneira inteligível o ininteligível”. Além disso, o bem-estar relatado por N4 pode ser compreendido como um efeito colateral de encontro de novos sentidos por meio de práticas religiosas. Segundo Frankl (2012), Deus é descrito como um ser que ri em três Salmos. Por esse motivo, o riso e o humor podem ser interpretados como uma manifestação originada na dimensão espiritual do ser.

Espiritualidade

Na perspectiva de uma espiritualidade não vinculada à uma instituição religiosa específica, foram identificados relatos de uma busca mais íntima com seu Deus, no sentido de uma conexão pessoal e diálogos com o ser transcendente, como observado nos relatos que seguem:

Durante o percurso todo eu tive muitas dificuldades emocionais e tudo mais. É a família que é a base de tudo, me ajuda sempre; e a fé, a espiritualidade, toda conexão que tenho com Deus me ajuda muito também (N3, entrevista pessoal, 2022).

Minha relação é uma conversa com Deus pedindo força e coragem para não desanimar. Às vezes eu choro à noite e Deus é meu consolo. Deus não desiste da gente, é a gente que se afasta dele. Depois do acidente eu pensei em minha filha mais jovem, que quebrou os dois braços no acidente, e pedi a Deus para não desistir da vida. Hoje, graças a Deus, eu tenho filhos maravilhosos e dou minha vida por eles. Minha relação com Deus é a todo instante e toda hora (N7, entrevista pessoal, 2022).

Ambos, N3 e N7, relataram sua conexão com Deus como fonte de forças para enfrentar os desafios após a lesão medular. N7 relatou que tem a consciência de um para que viver e vinculou seus valores aos filhos. Em sua narrativa, observa-se um diálogo íntimo com seu Deus, que pode ser interpretado como solilóquios com o transcendente para encontrar forças e não desistir. De acordo com Frankl (2017), a pessoa pode se posicionar de forma antagônica à sua condição psicofísica. Neste caso, se observa a consciência direcionando para um valor específico que dá sentido e, ao mesmo tempo, desperta a força desafiadora do ser humano.

No relato que segue, N6 demonstra seu momento de despertar e de expansão da consciência:

Sinto que estou num período de despertar. Sinto, de alguma forma, uma expansão de minha consciência. Não sei dar um nome a esse despertar, mas sei que estou começando a ver. Antes eu ignorava Maria como mãe e hoje eu estou acolhendo-a, eu tenho tido uma espécie de encontro, mas não quer dizer que eu seja católica. Acredito no universo como fonte criadora, pai eterno, Jesus como guia, grande mestre. Eu sou sensível a esses nomes (Jesus e Maria), a acolher e sentir eles na minha vida. Fui batizada na igreja católica, mas com doze anos me tornei evangélica. Então eu ignorava Maria. Hoje não sei dizer qual minha religião. Hoje eu tenho buscado estar próxima de Maria e de Jesus. Eu tenho certeza que ela (Maria) é viva, tanto quanto a fonte criadora que é o pai eterno. Não sei um nome para isso, mas sinto necessidade e me sinto muito tranquila e segura. Eu estou buscando e aprendendo sobre isso (N6, entrevista pessoal, 2022).

Embora tenha uma espiritualidade própria, N6 utiliza-se de uma linguagem simbólica que foi apreendida em sua cultura religiosa. Apesar de não conseguir nomear com clareza, descreve a necessidade, a tranquilidade e a segurança na orientação escolhida para a busca e o encontro com o sentido a partir de sua espiritualidade.

No relato que segue, apesar de ter abandonado a religião, N9 relata a necessidade de autotranscendência e de manter sua fé em algo superior como forma de ancoramento:

Eu era espírita. Eu era muito religioso, frequentava, participava de todas as liturgias. Chegou um ponto que descobri que esse negócio da divindade é muito grande, que somos muito pequenos [...]. Acredito que tem uma vida após a morte. É uma esperança que eu tenho, pois é angustiante pensar que acabou tudo. Talvez seja melhor praticar o que eu acho que é o correto. Como filosofia de prática do bem e de ajudar o próximo. Não preciso de liturgia (N9, entrevista pessoal, 2022).

De acordo com Frankl (2019), o sentido último do sofrimento não poderia ser compreendido de forma racional, pois transcenderia a dimensionalidade humana. Assim, seria apaziguado por meio da intuição em um sentido incondicional ou uma

fé pessoal em um *logos* oculto. Essa fé acontece quando a pessoa a escolhe livremente, diante da necessidade de tomada de decisão: crer ou não a favor de um sentido maior. Ademais, o entrevistado relata acerca da sua prática litúrgica. Sobre esse aspecto, Frankl (2019) discorre sobre o rito e o fervor religioso, concebendo que o primeiro dá uma forma prévia à expressão religiosa, mas corre o risco de permanecer estático; enquanto o segundo é amorfo e, por esse motivo, anseia pelo símbolo. Dessa forma, o autor conclui que a rigidez pode levar à intolerância e ao fanatismo, enquanto a firmeza da fé deve conduzir a uma postura de abertura existencial para um tu.

Gratidão

A gratidão foi um importante aspecto da religiosidade, percebido nas narrativas abaixo:

Sou muito grata com Deus. Só tenho motivos para agradecer. Eu quis tanto sobreviver que hoje tudo o que faço e consigo, desde as pequenas coisas, eu agradeço. Agradeço por poder escovar os dentes, comer sozinha, me maquiar, dançar como *street* cadeirante. Eu só vejo como a obra de Deus é maravilhosa (N4, entrevista pessoal, 2022).

Creio muito em Deus. Sem ele não somos nada. Não sou o cara que vai na igreja toda semana, mas eu agradeço a Deus todo dia, mais agora que antes. Agora eu sou um cara que posso falar que agrado mais a Deus pela minha vida (N6, entrevista pessoal, 2022).

Para Frankl (2015), todas as situações de vida têm sentido e mesmo situações como o sofrimento, a culpa e a morte (tríade trágica) podem se transformar em algo positivo, mediante uma atitude e firmeza adequadas. Neste contexto, a gratidão a Deus se apresentou como uma demonstração de encontro de sentido, de mudança de postura e pela capacidade de ampliar a percepção, de forma a agregar valor às coisas que, antes do acidente, não eram significativas. Segundo Frankl (2015), a necessidade de um sentido de vida muitas vezes irrompe em situações-limite, contingenciadas pelo sofrimento e o desespero, entretanto, ao perceber um sentido, a pessoa pode se tornar mais resiliente e, assim, realizar-se.

Transmissão de valores religiosos

O conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia de legados, rituais e tradições à geração seguinte, de forma consciente ou inconsciente (Lisboa, Féres-Carneiro, Jablonski, 2007). Frankl (2005) aponta o desmoronamento das tradições como o fator mais importante para explicar o vazio existencial e aponta o declínio das tradições e dos valores como um risco de levar à desumanização da pessoa. Neste estudo, a família se mostrou com papel importante na transmissão de valores religiosos entre as gerações, como pode ser percebido nas narrativas que seguem:

Tive boa instrução dos meus pais, que sempre me passaram princípios de família, de religião e acreditar em Deus. Esses valores são importantes e agradeço muito por

isso. Quero repassar todos os valores que meus pais me proporcionaram para minha filha: acreditar que a família é o bem maior, acreditar na presença de um Deus vivo que pode todas as coisas, ser uma boa pessoa para o próximo e não somente para si mesmo. Importante é fazer o bem ao próximo (N2, entrevista pessoal, 2022).

Desde criança eu via minha avó que orava. Eu sempre tive fé. A fé é tudo. Deus encaminha tudo. Não importa a religião, mas a fé para recomeçar (N7, entrevista pessoal, 2022).

Tenho princípios cristãos que aprendi com minha mãe, princípios cristãos positivos de querer fazer bem para as pessoas (N9, entrevista pessoal, 2022).

Nos relatos acima, percebe-se a importância dos modelos para a transmissão de valores. Para Frankl (2011), não se pode ensinar valores, apenas vivenciá-los. Dessa forma, os valores são apresentados como modelos existenciais e, por esse motivo, não são prescritos, e sim transmitidos com a própria vivência.

Percepção de sentido

Foi possível verificar que os momentos de crise vivenciados após a lesão medular despertaram a espiritualidade e a religiosidade da pessoa e potencializaram a percepção do sentido, na tentativa de atribuir um significado para o sofrimento, como observa-se nas falas abaixo:

A lesão me fez enxergar a vida de outro jeito, com outros olhos. Antes eu tinha a vida que eu tinha de aproveitar a vida – sair, beber e curtir. Hoje, viver é estar com minha filha, fazer um esporte, sentar numa mesa com amigos sem beber. Tem três anos que não bebo. A gente só sabe o quanto somos fortes quando a vida nos obriga a sermos fortes. Hoje eu me vejo bem melhor do que há quatro anos atrás, pelo fato da minha vivência e do meu pensamento. Se eu não tivesse tido essa lesão, talvez eu não teria os pensamentos que tenho hoje (N6, entrevista pessoal, 2022).

A partir do momento do acidente que surge o conteúdo desse livro que é minha história. O conteúdo foi depois do acidente, pois antes foi só a capa. Depois do acidente comecei a apreciar, ver de uma outra forma. Acredito que hoje eu vivo de fato. Até os 27 anos (antes do acidente), apesar de eu fazer as coisas que gostava, era tudo tão vazio! Hoje, por mais das dificuldades que tenho, faço por completo, pois ali está minha alma. Acredito que o acidente foi importante para eu viver, mergulhar no manancial da vida, de continuar a viver e de completar a missão. Antes era tudo rotineiro e eu continuava vazia. A depressão era uma perseguição na minha vida. Antes eu fazia tudo de forma vazia. Agora eu ando de ônibus e fico alegre. De braços dados com o criador, vou indo. No primeiro momento você não entende. Eu não queria estar na cadeira, eu tinha vergonha. Esse é o sentido da vida. Hoje eu faço com o coração. A maturidade demorou a chegar e eu compreender o verdadeiro sentido de poder contribuir de alguma forma na vida dos que estão ao meu redor (N5, entrevista pessoal, 2022).

Hoje eu vejo a vida com outros olhos. O dinheiro ajuda, mas tem outras coisas para ser feliz, por exemplo, poder sentir o chão. O que é pequeno e simples é o que é necessário para ser feliz, basta a perspectiva da visão que a gente põe diante daquilo. Tudo aquilo que a gente precisa está dentro de nós. Nós temos um poder. Muita gente morre e não descobre isso (N3, entrevista pessoal, 2022).

Quando se tem fé e confia, você vê que não se fechou todas as portas, que tem saída. Tem coisas que não tem jeito e outras têm solução. Pensei: eu vou lutar, não vou

parar só porque estou aqui. Se Deus me deu oportunidade de continuar, ver meus filhos crescerem, vou continuar. Não vou colocar na cabeça que é o fim. Vou lutar. Tirei forças, primeiramente em Deus, que confiei. Se eu fiquei é porque tem alguma missão que tenho que continuar. Depois tirei forças em minha família e meus filhos. Os médicos me perguntavam: Dona M., você espera um milagre? Eu respondia: eu já sou um milagre. É na hora que estamos mais debilitados, quando questionamos se Deus nos abandonou é quando mais ele nos carrega nos braços (N8, entrevista pessoal, 2022).

Depois do acidente eu passei a dar valor a outras coisas: mais companheirismo com meus pais, esporte, em descansar, enfim, em viver e não apenas pensar em só trabalhar (N1, entrevista pessoal, 2022).

Para Frankl (2016), a pessoa pode se mover a partir de dois planos perpendiculares: no plano horizontal, os polos opostos são o sucesso e o fracasso; e no plano vertical, a realização e o desespero. No entanto, mesmo diante de um sofrimento inevitável, a pessoa consegue avançar até a plena realização do sentido da sua vida. Neste contexto, a espiritualidade e a religiosidade permitem uma elaboração subjetiva e a atribuição de um sentido à vida, que levam a um aumento da motivação para o enfrentamento e superação de crises (Forti, Serbena, Scaduto, 2020). Ademais, permitem à pessoa compreender os significados dos eventos como parte de um propósito ou projeto mais amplo, mediante a crença de que nada ocorre por acaso e que tais situações podem levar ao crescimento pessoal (Bouso, Serafim, Misko, 2010).

Para Frankl (2019, p. 338): “somente pela transcendência se pode encontrar o sentido final do sofrimento” e se salvar do desespero causado pela ausência de sentido. Enquanto a pessoa não for capaz de descobrir nenhum sentido em seu sofrimento, ela estará propensa ao desespero e, em certas condições, ao suicídio (Frankl, 2022). Mas, no instante em que vê um sentido no seu sofrimento, a pessoa poderá conformá-lo a um determinado fim, transformando uma situação adversa numa realização pessoal, fazendo de uma tragédia um triunfo pessoal. Neste sentido, a religião e a espiritualidade servem como catalizadoras para a descoberta dos sentidos.

Sonhos

Em uma narrativa foram relatados dois sonhos que demonstram o relacionamento com Deus inconsciente e suas interpretações pela pessoa que os sonhou. Para Frankl (2017), sonhos são produções autênticas do inconsciente e também do inconsciente espiritual. Problemáticas religiosas podem se apresentar de forma mais ou menos velada, conforme o grau em que a religiosidade do sonhador é manifesta ou latente, ou seja, dependendo do grau em que a religiosidade é consciente ou permanece inconsciente e reprimida. Frankl usa a interpretação dos sonhos com base na associação espontânea de ideias (Xausa, 1986). A seguir, transcrevemos o relato dos sonhos:

Após a cirurgia, eu ficava só na cama do hospital e não saía da cama nem para tomar banho, por conta da recuperação da coluna. Foi quando sonhei que eu estava subindo um barranco numa ladeira e não estava conseguindo mais subir. Eu estava chorando quando senti uma aproximação daquela imagem, que era Deus, falando

comigo: você é forte, você vai vencer, você chegou até aqui e você vai vencer. Isso me deu forças para vencer. Outro sonho foi a imagem de uma pessoa parecida com uma freira, de branco, e interpretei que era a virgem Maria perguntando se eu queria que ela tirasse o bebê da cama ou deixasse. Eu respondi que não precisava retirar o bebê, pois na cama cabiam eu e ele. Minha interpretação era Maria perguntando se eu queria continuar com o bebê que estava em minha barriga. Eu estava com dois meses de gestação quando tive o acidente. Hoje eu sei o que significava esse sonho para mim (N8, entrevista pessoal, 2022).

No primeiro sonho, quando a pessoa ainda se encontrava acamada no hospital devido ao acidente que causou a lesão medular, o simbolismo foi de um barranco, que significa um abismo, obstáculo, empecilho, que parece se referir ao acidente de carro que resultou na incapacidade de locomoção; não conseguir prosseguir na subida da ladeira, provavelmente, representa a percepção do sofrimento encontrado naquele momento. A imagem atribuída a Deus ajudou a acessar sua força para enfrentar e superar os desafios.

O segundo sonho foi produzido quando os médicos informaram para a entrevistada sobre os riscos da gravidez na situação de lesão medular. O conflito foi manifesto entre o que os médicos disseram sobre a gravidez de risco e a possibilidade de um aborto ou prosseguir com a gravidez. O símbolo produzido foi a cama que, segundo a interpretação da entrevistada, comportaria a criança junto dela. Dessa forma, o inconsciente espiritual desvela a sua decisão mais íntima e autêntica, que se clarifica por meio desse sonho e desvela a decisão da consciência (*Gewissen*), já tomada de forma inconsciente (pré-reflexiva).

Considerações finais

Este trabalho contribuiu para a compreensão da espiritualidade e da religiosidade em pessoas com lesão medular. A busca por respostas diante de uma condição irreversível ampliou o olhar para além da dimensão física da pessoa, direcionando uma imersão na dimensão noológica. Neste contexto, a espiritualidade e a religiosidade se apresentaram como fatores de suporte, proteção, ancoramento, adaptação e estratégia de enfrentamento positivo por meio de suas crenças. O surgimento espontâneo de uma demanda espiritual e religiosa no contexto da saúde aponta para a possibilidade de se constituir em um sistema de busca e de encontro de sentido.

Ao considerar a dimensão noológica no processo de saúde, Frankl foi um dos pioneiros, porém, esta dimensão ainda se mostra pouco explorada ou até mesmo ignorada na prática da maioria dos profissionais dessa área. Percebe-se, portanto, que tais profissionais necessitam ampliar a escuta, de forma a considerar a dimensão noológica como terapêutica complementar e como meio de ajudar o paciente a expressar e ter consciência dos motivos e razões capazes de fundamentar a sua vontade de dizer sim à vida. Neste sentido, a inclusão de fatores como satisfação e sentido da vida nos processos de avaliação e de intervenção se mostra necessária.

Independente de seus valores e crenças pessoais, o profissional deve respeitar e acolher o sistema de sentido do paciente e sua liberdade de escolha a partir do que ele se identifica e de onde ele encontra o sentido. O profissional não pode impor sua cosmovisão, mas deve considerar o ser humano em sua totalidade biopsicoespiritual.

Desta forma, é necessário que as instituições de ensino integrem em seus currículos disciplinas com conteúdos referentes à interface entre a espiritualidade e a saúde, visando instrumentalizar o profissional para o manejo, considerando essas demandas.

O presente estudo ofereceu elementos relevantes acerca da relação entre a religiosidade e a espiritualidade no contexto da saúde. Para estudos futuros, sugere-se entrevistas com profissionais da área da saúde, a fim de verificar suas percepções sobre a importância da espiritualidade e da religiosidade no processo de cuidado e de recuperação da pessoa com lesão medular.

Referências

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa Snowball (Bola de Neve). REMEA, v.27, p.46-60, jul./dez. 2011.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOUSSO, Regina Szylit; SERAFIM, Taís de Souza; MISKO, Maira Deguer. Histórias de vida de familiares de crianças com doenças graves: relação entre religião, doença e morte. Revista Latino Americana de Enfermagem, São Paulo, v.18, n.2, p.11-17, 2010.

FECHIO, Maíra Baldan; PACHECO, Kátia Monteiro de Benedetto; KAIHAMI, Harumi Nemoto; ALVES, Vera Lúcia Rodrigues. A repercussão da lesão medular na identidade do sujeito. Acta Fisiátrica, São Paulo, v.16, n.1, p. 38-42, 2009.

FONSECA, Flávia Nunes; FERRER, Verônica Carneiro. Espiritualidade e cuidados paliativos. In: ZOCCOLI, Thaynara Louise Vicentini; RIBEIRO, Melissa; FONSECA, Flávia Nunes; FERRER, Verônica Carneiro (Orgs.). Desmistificando cuidados paliativos: um olhar multidisciplinar. Brasília: Ed. Oxigênio, 2019, pp.80-92.

FORTI, Samanta; SERBENA, Carlos Augusto; SCADUTO, Alessandro Antônio. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. Ciência e Saúde Coletiva, n.25, v.4, p.1463-1474, 2020.

FRANKL, Viktor E. Um sentido para a vida. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

FRANKL, Viktor E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, Viktor E. O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo, É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor E. Sede de Sentido. São Paulo: Quadrante, 2016.

- FRANKL, Viktor E. A presença ignorada de Deus. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- FRANKL, Viktor E. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações, 2019.
- FRANKL, Viktor E. A descoberta de um sentido no sofrimento. *Cultura de Fato*. 2022. Recuperado de: <https://culturadefato.com.br/a-descoberta-de-sentido-no-sofrimento>.
- LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO; Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 12, n. 1, p 51-59, 2007.
- LUKAS, Elisabeth. Una vida fascinante: em la tensión entre ser y deber ser: un libro de logoterapia. Buenos Aires: San Pablo, 1998.
- MONTEIRO, Daiane Daitx; REICHOW, Jeverson Rogério Costa; SAIS, Elenice de Freitas; FERNANDES, Fernanda de Souza. Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, v.40, n.98, p.129-139, 2020.
- LIMA NETO, Valdir Barbosa. A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Revista da Abordagem Gestalt, Goiânia*, v.19, n.2, p.220-229, 2013.
- SAFRA, Gilberto. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, pp.205-211.
- SHAMSHIRI, Mahmood; ESKANDAR OGHILI, Behzard; VAFAR, Maryam; MOLAEI, Behnam. Adaptive Coping Strategies in Patients With Spinal Cord Injury: A Phenomenological Study. *Iranian Journal of Psychiatry and Clinical Psychology*, v. 26, n.4, p.478-489, 2021.
- THIENGO, Priscila Cristina da Silva; GOMES, Antônio Marcos Tosoli; MERCÊS, Magno Conceição; COUTO, Pablo Luis Santos; FRANÇA, Luis Carlos Moraes; SILVA, Alba Nunes. Espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde: revisão integrativa. *Cogitare Enfermagem*, v. 24, 2019.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

Submetido em: 07/03/2023

Aprovado em: 11/06/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Fábio L. Stern